

Em memória de Ernesto Sampaio

Com a morte de Ernesto Sampaio (Dezembro de 2001), poeta e ensaísta, tradutor e jornalista, desapareceu das letras portuguesas um dos espíritos surrealistas mais fecundos e inteligentes, que sempre partilhou *"a capacidade de achar que é belo tudo o que vem de longe"*. Os textos que Ernesto Sampaio publicou em jornais e revistas entre 1963 a 1987 foram reunidos em *O Sal Vertido* (1988), galardoado com o "Prémio de Ensaio Prof. Jacinto do Prado Coelho", em que reafirmou a sua evidente posição literária: a de ter sido um jornalista de profissão, poeta e ensaísta por vocação, divulgador do movimento surrealista português e assim se confessar a cada passo como um activo interveniente na análise e defesa do surrealismo. Em *O Sal Vertido*, podemos ler textos que incidem sobre os limites estéticos e ideológicos da corrente surrealista e entendê-lo como reflexo vivo de um claro propósito cultural, a par da sua própria perspectiva crítica sobre as obras de Breton e a prática da poesia, de Jarry e a poesia como destruição, de Rimbaud e as ilusões da cultura, passando pela análise e elogio da "escrita automática", pelas coordenadas de outras navegações em que as *barcas solares* se repartem por vários aspectos da obra de Kafka e Walter Benjamin, Julien Gracq e Mário Cesariny. E, por esse largo mar de palavras e de ideias, apaixonadas e calorosas por parte de quem sempre escreveu com emoção e entusiasmo, evocamos os ensaios de Ernesto Sampaio sobre a criação de alguns espíritos superiores em quem os ventos da mudança sopraram como fortes rajadas para a (sua) desejada revolução: *"a poesia deve ser feita por todos; não por um"*, ainda na relembrada divisa de Herberto Helder. Mas na proclamação de Rimbaud de que *"a Poesia deixará de bater a compasso da acção; irá à frente"*, o que sobressai na visão crítica do autor de *O Sal Vertido* é o mesmo propósito de se arvorar, de pena em riste, por vezes cáustico nas setas desferidas, em defesa do espírito que perdura do surrealismo, sobretudo no plano poético. E no modo próprio de evidenciar uma pessoal tendência ou "política do imaginário", o autor da *Antologia do Humor Português* afirmara esse singular compromisso de saber declarar que *"a única lei do escritor, para além de desenvolver ao máximo as suas possibilidades criadoras, consiste em devolver à comunidade cultural a que pertence um idioma diferente do que dela recebeu"*. E claramente se entende como um dos textos significativos de *O Sal Vertido* incide na apreciação luminosa e nocturna da poesia de Cesariny, considerando-o, com inteira justeza crítica, *"como dos raros poetas do nosso século vinte cuja leitura é capaz de mudar quem o lê"*. Mas nesta hora de evocarmos aqui a memória de Ernesto Sampaio, fica connosco a saudade e a certeza de ter sido uma voz consequente e atenta na análise do fenómeno literário português, sem deixar de se referir os pontos de convergência ou as balizas poéticas em que a todo o instante alinhou o seu "discurso" poético e ensaístico, na intenção primordial de não se *"desconhecer a realidade poética nem subestimá-la"*. A par do tradutor de qualidade que foi de obras de Carlo Emilio Gadda, Pieri Paolo Pasolini, Paul Éluard ou André Breton e outros, Ernesto Sampaio partiu para sempre, acreditamos, por não poder suportar mais a solidão em que viveu nos últimos meses de vida. Partiu, mas ficam ainda os seus livros, ensaios e poemas, e o confronto lúcido das ideias que sempre defendera. Em coerência e na afirmação do seu mesmo espírito surrealista.